

EDUCAÇÃO EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE ENSINO¹: uma análise das perspectivas dos professores do projeto de extensão e social da UNIFAP ensinar e aprender – PROSEAR Mazagão

EDUCATION IN NON-FORMAL LEARNING SPACES: an analysis of the perspectives of teachers from the UNIFAP extension and social project "Teaching and Learning" – PROSEAR Mazagão

Marcos Silva Albuquerque²

Prof. Dr. Fabio Colins da Silva³

Prof. Esp. Clebson dos Santos Simplicio⁴

RESUMO: O presente Trabalho de Conclusão de Curso analisa as perspectivas de professores atuantes no projeto de extensão e social da UNIFAP “Ensinar e Aprender – PROSEAR Mazagão”, no contexto da educação em espaços não formais. A pesquisa justifica-se pela relevância que tais espaços exercem na formação integral dos estudantes, especialmente em comunidades nas quais o ensino formal apresenta limitações estruturais e pedagógicas. A investigação, de natureza qualitativa e de caráter explicativo, fundamentou-se na revisão teórica e na aplicação de questionários a quinze professores voluntários participantes do projeto. Os resultados indicam que as práticas pedagógicas desenvolvidas em espaços não formais favorecem a aprendizagem colaborativa, a motivação discente e a construção de vínculos comunitários, configurando-se como estratégias complementares ao ensino formal. Conclui-se que a integração entre espaços formais e não formais amplia as possibilidades educacionais e fortalece o compromisso social da universidade com a comunidade.

Palavras-chave: educação não formal; espaços formais de ensino; projeto PROSEAR/UNIFAP.

ABSTRACT: This Final Undergraduate Project analyzes the perspectives of teachers participating in the UNIFAP extension and social project “Ensinar e Aprender – PROSEAR Mazagão”, within the context of non-formal education. The study is justified by the relevance of such spaces to the integral development of students, especially in communities where formal education presents structural and pedagogical limitations. The investigation, qualitative in nature and explanatory in character, was based on a theoretical review and the application of questionnaires to fifteen volunteer teachers involved in the project. The results indicate that the pedagogical practices developed in non-formal educational spaces foster collaborative learning, student motivation, and the construction of community bonds, thus revealing themselves as complementary strategies to formal education. It is concluded that the integration of formal and non-formal spaces expands educational possibilities and strengthens the university's social commitment with the community.

Keywords: non-formal education; formal educational spaces; PROSEAR/UNIFAP Project.

Data de apresentação: 08/07/2022.

¹ Artigo, apresentado ao Instituto Federal do Amapá, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia

² Acadêmico do curso de Licenciatura em Pedagogia. E-mail: msa@unifap.br.

³ Orientador, Doutor em Educação em Ciências e Matemáticas (UFPA). Docente do Instituto Federal do Amapá. fabiocolins@ufpa.br.

⁴ Coorientador, Especialista em Educação Profissional e Tecnológica - DocentEPT pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá (IFAP). Tutor EaD do Instituto Federal do Amapá. clebson.simplicio@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Os espaços não formais de educação são conhecidos por fornecer auxílio ao ensino formal, complementando-o com o suporte necessário para que os indivíduos se identifiquem, compartilhem suas vivências, criem experiências e senso comunitário, em ambientes que possam interagir de forma consciente e que marquem o curso de suas vidas (Gohm, 1999). Contudo, nem todas as instituições se atentam para o uso desta modalidade de educação, pois o ensino não formal ainda está ganhando espaço e reconhecimento.

No entanto, a formação inicial de professores visa maior espaço e tempo para a educação formal (escolas), porém a educação não formal é uma realidade e pode ser uma aliada para a formação integral do estudante, colaborando para sua atuação, não apenas para o mercado de trabalho, mas enquanto ser humano ético e cidadão, atuando em prol do bem coletivo.

No contexto da educação pública, muitos estudantes precisam complementar seus estudos em cursos de preparatórios de concursos e de vestibulares para ingressar em determinada carreira ou para cursar uma universidade, para então, estar um nível mais adequado aos outros concorrentes, não se pode negar, que as chances de melhorar suas condições financeiras e sua realidade e de sua família, aumentam muito, e os mais ricos se preparam desde cedo, conforme afirmam Castro; Carnoy, (1997, p. 51):

Hoje, com a massificação gradual das escolas secundárias públicas e o declínio da classificação média de seus alunos no vestibular, os pais de renda mais alta estão basicamente preocupados em financiar 11 anos de [ensino] particular para garantir o acesso à universidade pública, sobretudo às faculdades mais “seletivas” (...). As “boas” escolas públicas e particulares, por sua vez podem selecionar os alunos que devem sair-se melhor nos exames.

Haja vista, que a educação pública brasileira, conta com uma parcela da população que apenas frequentou espaços formais de ensino, frequentando turmas lotadas, falta de professores e de materiais didáticos e ferramentas, onde por vezes, os professores não conseguem atender a todos os alunos de forma igualitária, a educação não formal torna-se relevante contribuindo para que o aluno amplie seus horizontes, fornecendo as ferramentas adequadas para que se consiga seus objetivos, ao se conectar com sigo mesmo e aprendendo com outras experiências.

Desta forma, muitos jovens e adultos encerram o ensino médio com muitos déficits em seu conhecimento e quando se deparam com o Exame Nacional do ensino Médio (ENEM) ou concursos públicos recorrem aos cursinhos preparatórios, que apresentam didáticas e estratégias de aprendizagem diferenciadas, com mensagens de incentivo, com dinâmicas (adequadas à proposta educacional), onde se aprende de forma mais descontraída para que se possa conseguir àquilo a que se propôs (Ribeiro *et al.*, 2011, p.3).

Neste sentido, de que forma as perspectivas dos professores são fundamentais para que se possa entender a importância da educação não formal de ensino em um curso preparatório de concurso público e vestibular, bem como suas estratégias de ensino e colaboração com a aprendizagem do indivíduo?

Por esses motivos, o objetivo do presente trabalho de conclusão de curso é analisar as perspectivas dos professores do projeto de extensão e social da UNIFAP ensinar e aprender – PROSEAR Mazagão em relação à formação integral, senso de comunidade e formação ética dos alunos na educação em espaços não formais de ensino, perpassando por três objetivos específicos imprescindíveis, quais sejam, identificar as estratégias adotadas pelos professores do projeto em um espaço não formal de ensino para a entender suas contribuições no processo de aprendizagem do aluno, além de constatar se a formação inicial e continuada do professor lhe forneceu vivências suficientes para lecionar em um espaço não formal de ensino e assim verificar se os métodos de ensino que os professores utilizam em espaços não formais de ensino podem ser utilizados nas escolas.

Para responder a tais questões, percorreu-se o caminho metodológico da pesquisa bibliográfica, com levantamento sobre o que os principais teóricos têm discutido sobre o conteúdo nos últimos anos, o que pôde embasar os capítulos e subtópicos do presente trabalho, haja vista, que esse conteúdo é relativamente novo, porém muito discutido em muitos congressos e eventos acadêmicos como uma área de estudo com grande relevância, no entanto, percebe-se que os cursos e centros preparatórios para concursos públicos e vestibulares são campos de pesquisa pouco usados e explorados, desta forma, busca-se evidenciar como podemos utilizá-los de forma adequada e satisfatória para além de números

de aprovados em processos de seleção, mas como um espaço para uma possível evolução integral dos envolvidos, com relações efetivas e transformadoras.

Assim sendo, torna-se imprescindível a pesquisa da educação em espaços não formais para a contribuição com o arcabouço do conhecimento científico e seu uso adequado junto aos espaços formais ao se entender as perspectivas dos docentes quanto ao seu mérito.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DOS ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO

A educação em espaços não formais de ensino podem ser muito importante para a formação integral do indivíduo enquanto ser social e participante ativo da sociedade, pois se utiliza de técnicas e espaços que proporcionam maior interação e conscientização dos envolvidos. Contudo, uma grande parcela da população brasileira carece de melhores estratégias e métodos de ensino adequados (Iosif, 2007).

A educação desempenha um papel muito relevante na vida do indivíduo, pois busca formá-lo em muitos sentidos, seja contribuindo com sua carreira ou sua contribuição na sociedade. Desse modo, os anos de formação em um espaço formal de ensino, como nas escolas, pode ser encarado de muitas formas pelo estudante, fadigando-o ou sobrecarregando-o com muitos conteúdos e tarefas, sendo um ensino mais rígido e tendo que ter notas ou conceitos suficientes para passar. Neste sentido.

Essa mudança na percepção de mundo, ciência, homem, natureza, sociedade vem provocando também transformações em todos os âmbitos da sociedade. No que se refere à educação, surge a necessidade de repensar o currículo – conteúdos e organização –, uma vez que os conteúdos estão organizados tendo por base a concepção de ciência tradicional, trabalhando o conhecimento de maneira fragmentada nas disciplinas e séries; necessidade de rever a formação do professor, as metodologias, as formas de avaliação, enfim, o processo educativo como um todo (Rocha, 2008, p. 26).

Diferentemente da proposta dos espaços formais de ensino, na educação não formal busca-se maior leveza, descontração, que o aluno entenda a partir de suas vivências, com temas do cotidiano, fazendo visitas a museus, parques locais e monumentos históricos, fazendo que o conhecimento seja real e não abstrato, com apenas imagens em um livro ou um caderno (Marandino, 2000). Isso não significa que as escolas não possam proporcionar boas vivências, mas que juntos, tais conhecimentos podem ser significativos para os alunos, tornando assim, sua formação mais completa.

Neste sentido, os espaços não formais de ensino somam com a educação formal recebida na escola, para que o estudante conquiste seus objetivos, haja vista que devido à hipossuficiência de uma parcela dos estudantes de escolas públicas, não se encontram em igualdade com estudantes de escolas privadas, apesar das bolsas e cotas universitárias, pois as escolas privadas cotam com mais recursos tecnológicos, verbas e quadro pessoal qualificado e disponível (Rocha; Fachín-Terán, 2010).

Para tanto, percebe-se que as estratégias adotadas pelos professores são fundamentais para que o conhecimento seja mais objetivo e significativo, pois um dos papéis dos professores é orientar os alunos, no sentido de se tornarem participativos do seu processo de aprendizagem, e não apenas receber um conhecimento pronto e acabado, como depósito que acumula conteúdo sem sentido, quando o conteúdo não está contextualizado com a realidade do aluno e sem exposição de suas percepções, sendo assim, mais unilateral, o conhecimento sendo compartilhado diretamente da parte do educador (Zuanon; Diniz; Nascimento, 2010).

Assim, aprender com as vivências dos colegas e professores é um ponto a ser levantado nos espaços não formais, mais participação, ser ativo e colaborativo, ir além, pesquisar mais e se envolver com as propostas levantadas, tornando a experiência mais rica, no sentido, de se estabelecer relações que possam ajudar no autoconhecimento e dos demais participantes do processo de ensino-aprendizagem.

Contudo, é relevante que o educador forneça esses meios, ao se estimular, criar situações em que o estudante possa participar mais, como rodas de conversa, oficinas, discussões em grupos, passeios na própria comunidade, em centros históricos e fomenta no indivíduo um ser pesquisador, curioso, e que perceba que a educação está para além dos muros da escola, está, nas praças, nos idosos, que podem

colaborar em muito com seus conhecimentos, pois suas experiências são válidas, porque já viveram situações que os mais jovens ainda irão passar.

Conforme Alcântara e Fachín-Terán (2010), percebe-se que muitos espaços, como zoológicos, jardins botânicos e comunidades quilombolas, podem ser acessados com baixo custo e muitos benefícios, pois a arte, a música e as danças podem ser fontes de conhecimento, bastando ter motivação para aprender e gostar de aprender, entendendo a história e a realidade social de sua comunidade, pode inclusive inspirar sobre quais carreiras seguir, pois as relações estabelecidas irão proporcionar informações para tal.

Nos preparatórios de concursos e vestibulares observa-se que os professores se utilizam de técnicas adequadas, como a participação ativa, compartilhamento de experiências, como dicas de livros e sites, para que os estudantes captem a maior quantidade de conhecimento possível, além de intervalos precisos para descontração, brincadeiras e dinâmicas, que podem parecer sem um objetivo, mas que servem para otimizar o tempo e a aprendizagem, evitando a longa exposição a conteúdos enfadonhos e distração e perda do foco.

Além disso, o público presente em cursinhos e preparatórios para concurso público costuma ter uma atenção mais redobrada, haja vista, a concorrência com outros candidatos à vaga para algumas carreiras ou cursos universitários serem muito concorridos, neste caso, há um fator motivacional muito grande para se obter resultados satisfatórios, se dedicando mais aos simulados, provas anteriores, pois os inscritos costumam superar em muito o número de vagas ofertadas, principalmente em carreiras policiais, em caso de concurso público e Medicina e Direito para os curso universitários (Silva e Navarro, 2012).

Salienta-se ainda, como fator que muitos destes espaços são de cunho financeiro e busca atingir uma grande massa de pessoas, por isso há um compromisso de estudantes e professores utilizando-se de suas mais diversas estratégias para aprender, seja comprando livros, apostilas, fazendo os chamados “corujões”, que são aulas nas madrugadas, usando músicas, paródias, para que conquiste uma vaga (Silva, 2010).

Isto revela-se como um ponto a mais para os espaços não formais gratuitos, que contam com colaboradores voluntários, que buscam compartilhar seus conhecimentos e experiências com o público, como o caso do projeto PROSEAR, assim busca-se averiguar as perspectivas dos professores, e sua “bagagem” de conhecimento a favor da comunidade e dos que não possuem condições financeiras para pagar um espaço não formal particular. Portanto, os espaços não formais de ensino mostram-se muito úteis para a educação e formação integral do indivíduo, somando-se assim a educação formal, e conferindo novas experiências e possibilidades para os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Ante o exposto, iremos entender de forma mais estruturada e cronológica os conceitos originais e suas transformações e adequações até os dias atuais, bem como essas teorias estão em acordo e os pontos divergentes, os métodos adotados pelos cursos e vestibulares e preparatórios de concursos e os resultados da pesquisa realizada com os professores do projeto PROSEAR no município de Mazagão, para assim alcançar os objetivos propostos.

2.1 A origem dos espaços não formais de educação

Antes de iniciar a história da origem dos espaços não formais de educação é preciso estabelecer alguns conceitos que ainda são muito válidos, quanto a distinção entre os espaços informais, formais e não formais de educação.

Os espaços informais são aqueles que nos garantem aprendizagens no seio de nossa família, comunidade, ou ainda em instituições religiosas, é uma educação que não tem exatamente o objetivo de educar diretamente, mas que é muito importante para a formação do caráter, do ser humano, pois conforme Gohn (2006) acontece por meio das relações mais próximas e individuais que as pessoas possuem, são por meio de experiências, relatos, que fornecem meios para essa aprendizagem.

Já a educação em espaços formais é a fornecida pelas escolas, que possuem critérios e objetivos muito bem estabelecidos, que já passou por muitas tendências pedagógicas ao longo dos anos, que não deveria, mas sofre com interferências políticas, que possui, leis e diretrizes especialmente voltados para a educação, que é dividida em educação básica, nível médio e superior, além dos cursos técnicos. Neste tipo de educação o aluno recebe médias ou conceitos que medem o seu nível de aprendizagem, e se ao fim do curso ou dos estudos recebem seu histórico e diploma ou certifica, que atestam que

frequentou e obteve êxito em seus estudos, apesar de ser mais rígido os parâmetros educacionais e as leis como a LDB (Lei de diretrizes e bases da educação) têm revelado uma maior preocupação com a formação integral dos discentes, há uma maior preocupação em formar cidadãos ativos, participativos, éticos, que possam usar seus conhecimentos em favor de uma sociedade atualizada e tecnológica (Marques, 2002; Rocha, 2008).

Assim, legislação educacional entende que os espaços não formais de educação que podem ser um grande apoio para essa formação, mas que deve-se ter um cuidado para não ocorrer a sua escolarização e nem ser apenas mais um passeio ou “*thur*” (Brasil, 1996, 1998, 2006), mas seus objetivos também devem ser muito bem definidos, e ser tratado como um verdadeira fonte de conhecimento, para além de uma preocupação com entrega notas, de trabalho, ou realizar provas, que podem ser inclusive instrumentos evitados nesses espaços, pois contribuem para que os alunos recorram ao caminho mais “fácil” que é a memorização, ou seja, a famosa decoreba, por que, isso não garante que ele realmente aprendeu, ou ainda pode ser um grande motivador para a famosa cola, que trata-se de pequenos recortes de conteúdos e fórmulas que podem fazer com que o estudante passe de ano, mas não garante que ele aprendeu de fato

Contudo, para que o processo desejado realmente ocorra - pois quando se aprende consegue-se visualizar como utilizar daquele saber nos mais diversos contextos, associando a sua realizada, contextualizando- e o aluno ser capaz de construir e formular seus próprios conceitos, basta que os mesmos recebam o incentivo necessário para isso, e esse é um grande desafio para os educadores na atualidade, traçar estratégias para motivar o aluno, para mostrar para ele que sua educação também depende dele mesmo.

Deste modo, o professor deve se apresentar como um mediador, que os mestres estão para formar cidadãos pensantes, o que é muito difícil antes as facilidades apresentadas pelas tecnologias que chegam para as pessoas e que acabam chegando as salas de aula, assim, o conhecimento ficou mais fácil de ser acessado por *smartphone* com acesso à internet, que muitos procuram caminhos mais rápidos do que pensar, como calcular ou como redigir seu próprio texto, é muito mais prático apenas copiar e colar dos primeiros sites e blogs que aparecem.

Logo por isso, mesmo é necessário que o docente esteja presente também nesse processo de pesquisa, pois pode mostrar quais são as fontes de pesquisa mais confiáveis, que ter esse trabalho a mais vai ser recompensador, pois pode ajudar a encontrar respostas mais confiáveis, e que a tecnologia pode ser um poderoso aliado para essa geração tecnológica, porque contamos, com inúmeros sites confiáveis de educação, artigos muito bem escritos em revistas renomadas de educação, além de jogos e aplicativos que podem ser utilizados como ferramentas de ensino.

Por essas razões expostas anteriormente fica claro e evidente que os espaços de educação não formal podem ser um bom local para aprendizagem significativa e transformadora, pois pode-se recorrer a eles para fazer aulas mais dinâmicas, interativas e participativas, além de se utilizar os recursos tecnologias em favor do saber e não como um inimigo declarado, proibido de entrar nas salas e que é responsável por tumulto e distração. Neste sentido:

É fundamental transformar a educação científica num processo que permite aos alunos a leitura do mundo e a interpretação / reflexão sobre os acontecimentos presentes em nossa dura realidade. Não faz sentido concebermos uma educação científica que não contemple os problemas dessa sociedade se fechando num compartimento isolado onde só existem conceitos, fórmulas, algoritmos, fenômenos e processos, a serem memorizados acriticamente pelos educandos (Teixeira, 2002, p. 101).

O advento da educação em espaços não formais ocorreu, após uma expansão dos acessos aos espaços públicos das escolas, que antes eram garantidos para os filhos de famílias mais abastadas que tinham acesso à educação formal, podendo chegar às faculdade e universidades, pois ocupariam cargos com maior destaque e “pompa” para a sociedade, como os cursos de Direito, medicina e engenharias, que eram reservados para aqueles que podiam pagar mais por uma educação de qualidade (Mol; Santana; Silva, 2021).

Enquanto os filhos dos agricultores, trabalhadores urbanos não recebiam essa educação porque ela não era importante para trabalhadores braçais, e com o alto custo de vida para manter a família era preciso que todos trabalhassem desde muito cedo.

No entanto, a elite dominante percebeu que após as revoluções industriais era preciso de maior mão de obra qualificada, assim, o acesso aos espaços educacionais aumentou, porém o nível educacional e cultural desses novos alunos era muito precário, por isso percebeu-se a necessidade de aproximar mais da sua cultura, pois poucos alunos se adaptaram a um sistema tão rígido e de cultura muito distante daquilo que viviam, pois isso viu-se a necessidade de uma maior contextualização, reforço escolar, nivelção e a passaram a frequentar, os museus, parques, jardins botânicos, porque muitos alunos não conheciam estes espaços por suas famílias não terem recursos financeiros e nem conhecimento do porquê adentrar por esses ambientes, pois para eles o fato de seus filhos frequentarem as escolas já eram suficientes para aprender (Marandino, 2009).

Assim, houve uma clara reforma pedagógica nos discursos de que a escola era suficiente para fornecer as vivências necessárias para lidar com as mais diferentes situações que a vida possa lhe impor, esses discursos afirmavam que frequentar espaços além dos escolares poderiam mostrar uma realidade mais clara para os alunos, pois eles deixaram de ver apenas o que estava nos seus cadernos e livros didáticos, mas poderiam observar os fenômenos naturais e históricos pessoalmente (Gohn, 2000).

Essa educação mais popular pode garantir que os estudantes sejam capazes de aprender de forma mais realista, mais palpável, e esses locais podem ser fontes de saberes histórico, ensino de ciências, de artes, ou seja, pode ser multidisciplinar ou interdisciplinar, onde os discentes percebem que o saber não é dividido apenas em disciplinas ou componentes curriculares, mas que eles dialogam entre si.

Desta maneira, é necessário entender a história, para saber por que estamos e porque nos comportamos dessa forma, aprendendo com o passado para evitar que novos erros, assim como as artes expostas nos museus, que nos contam uma história, um determinado fato, seja da sociedade ou do próprio pintor, revelam movimentos em determinadas épocas, nos transportam para lugares que nunca fomos simplesmente com um conjunto de pinceladas, nos dando sensações de dor ou alegria pelas imagens retratadas, ou ainda, nos causando curiosidade do porquê traços fortes ou finos, onde uns atravessam os outros, onde nos perguntamos qual o propósito do artista retratar aquelas marcas, ou o que ele poderia estar sentindo quando pintou aquilo, também podemos ter aulas inspiradoras de ciências e aprender o comportamento dos animais nos zoológicos, será que eles se comportam assim na natureza, ou porque um precisa de um habitat maior que o outro, porque alguns são mais solitários e outros mandam mais em bando ou grande grupos, além dos jardins botânicos, podendo sentir o aroma da natureza, observar os insetos que pousam em algumas flores e em outras não.

Enfim as possibilidades são muitas, e a imaginação pode percorrer e fluir de forma mais leve, com menos compromisso se vai ser aprovado ou reprovado, o mais importante é construir um pensamento crítico, é querer saber mais, entender mais, fomentar nos alunos pesquisadores, observadores, e não apenas receptores de conteúdos programáticos intermináveis e cansativos, que fazem ter vontade mais de ficar em casa do que ir à escola para decorar mais conteúdo sem entender qual a necessidade de aprender.

A responsabilidade dos espaços não formais de educação não pode ser diminuída, ela deve ter objetivos muito claros e bem planejados, para que não seja tido como momentos de lazer ou turismo, mas com fim educacional e também não fazer desses espaços uma sala de aula, jogando conteúdos em cima dos alunos, mas permitir que os próprios construam seu caminho de aprendizagem, formulem suas próprias conclusões, que tragam dúvidas pertinentes, para que aí sim, em coletivo e com o auxílio do professor se respondam ou sintam vontade de saber mais.

1.2 Cenário atual dos espaços não formais de educação

Como observamos no subtítulo anterior a tecnologia está muito presente em nosso cotidiano, por isso devemos fazer bom uso dela, inclusive como instrumentos de ensino e educação nos espaços não-formais.

Vimos também os primeiros espaços institucionalizados de ensino não-formal a serem utilizados, agora vamos verificar como esses espaços e outros além deles estão sendo utilizados e incrementados com novos aparatos tecnológicos.

Assim, vamos ampliar a relação de espaços não-formais usados atualmente, tais como, os aquários, planetários, bibliotecas, parques estaduais e municipais, unidades de conservação e áreas de preservação, a floresta amazônica, institutos de pesquisa, entre outros espaços, além é claro, dos cursos preparatórios para concursos públicos e vestibulares.

Neste sentido, Rocha (2008) e Marandino e Ianelli (2012) apontam que a lista de lugares considerados espaços não formais de educação cresceu muito, e como esses espaços devem ser bem aproveitados em favor da melhor qualidade de vida e educação, como seus pontos fortes são essas relações de ligações interpessoais, aprender em grupos e equipes que tem um objetivo comum é muito bom, deixando de lado as competições para ser um aluno nota dez, ou ver os colegas como concorrentes, mas transcender essas barreiras e aprender com as experiências dos outros, através da observação, apenas apreciando e contemplando, colaborando para que todos possam ver que o conhecimento vai além de conceitos, vai-se buscar a formação como um todo.

Mesmo com metas muito bem definidas, a educação não-formal, não vai deixar sua essência que é justamente o que foi exposto no parágrafo anterior, as aulas de ciências, de língua portuguesa, de literatura, de histórias e muitas outras podem seguir seus objetivos mas com outros método, um tipo de educação não pode ser colocado como maior ou melhor que as outras, pois precisamos da educação informal, que aprendemos com nossa família, amigos e comunidade, haja vista, que nos ajuda a formar o nosso caráter, precisamos da educação formal, pois com ela temos uma base do que é o conhecimento científico, e porque ele é importante, porque precisamos em nossa sociedade de professores, de médicos, de advogados, de engenheiros, de artistas, etc. e precisamos da educação não-formal por ser mais realista, nos fazer ver além dos muros da escola, por contextualizar o que aprendemos em sala de aula, enfim, não pode haver hierarquização do saber, da educação, quanto mais conhecimentos tivermos melhor.

Como foi mencionado no subtítulo anterior as idas aos museus, por mais que nos proporcione momentos inesquecíveis, os museus tradicionais contam com algumas regras que podem limitar, mesmo que um pouco, a liberdade de circulação nesses espaços.

Sabe-se que, nos museus tradicionais, não podemos tocar nas relíquias, nos quadros, e em outros objetos que estão em exposição, sob as consequências de se danificar as peças ou os artefatos, pois nossas mãos podem conter substâncias capazes de provocar esses resultados, como o suor, restos de alimentos, produtos de higiene ou de perfumaria etc.

Assim, devemos estar cientes das orientações destes locais, pois há chance de se perder objetos únicos, que as vezes, contam com ambientes com a temperatura controlada, a quantidade de luz a que pode ser exposta e muitas outras coisas.

Pensando nisso, em proporcionar momentos de maior interatividade e de não causar danos aos exemplares dos museus tradicionais, criou-se os museus interativos, que permitem por meio dos recursos tecnológicos maior liberdade para vivenciar a arte, a cultura, a história de uma forma mais realista do que a que vemos nos livros didáticos.

Muitas obras, e esculturas, são vistas em terceira dimensão (3D), ou até mais dimensões, que podem simular vibrações, mudança de luz e temperatura, seja para voltar a uma determinada época do passado muito distante, ou de acontecimentos mais recentes. O fato é que poder, interagir mais é muito relevante, principalmente para os mais jovens que estão acostumados com os jogos de videogame de realidade virtual, que podem compartilhar dessas experiências com os seus colegas.

Infelizmente, no Brasil, ainda se conta com poucos espaços como esses, neste caso, pode-se destacar 06 espaços físicos que possibilitam essa maior participação a um custo não tão alto, mas com oportunidade muita boa para a aprendizagem dinâmica e participativa.

São eles, o museu do futebol e o Catavento cultural em São Paulo, o museu da gente sergipana, em Sergipe, o museu de ciências e tecnologia da PUCRS, no Rio Grande do Sul, museu das minas e do metal em Minas Gerais e o museu do amanhã no Rio de Janeiro. No entanto, mesmo assim, sabe-se que a realidade dos estudantes de escolas públicas é outra, e que por questões econômicas e financeiras muitos ficam impossibilitados de fazer viagens longas para ter essas experiências, por isso, alguns museus disponibilizam seus acervos de forma online, obviamente não é a mesma sensação, mas o que vale é o saber, ter a ciência de muitos fenômenos naturais, fauna e flora que não temos em nossa região, e obras de arte, artefatos históricos que contam a história da humanidade, entre esses exemplos temos: o museu Itamar Assumpção, pinacoteca de São Paulo, museu Oscar Niemeyer, museu casa do Portinari,

Museu Histórico Nacional e o museu da imigração, contam com acesso digital às suas obras e seus acervos.

Além dos museus existem ainda os planetários em que alguns também contam com as tecnologias de realidade virtual, como o Espaço do Conhecimento da UFMG - Belo Horizonte (MG), Planetário Juan Bernardino Marques Barrio da UFG - Goiânia (GO), Centro de Ciências e Planetário do Pará da UEPA - Belém (PA), Planetário Rubens de Azevedo - Fortaleza (CE), planetário Prof. José Baptista Pereira UFRGS - Porto Alegre (RS), Planetário Ibirapuera Prof. Aristóteles Orsini - São Paulo (SP).

No Estado do Amapá, contamos com alguns pontos que podem ser utilizados, como espaços não-formais de educação, podendo proporcionar aos estudantes conhecimentos muito preciosos, desde que com as metas educacionais tracejadas, pode-se citar então, o Bioparque da Amazônia, o museu sacaca, o Marco Zero, onde pode-se observar o equinócio, a Apa do Curiaú, que é uma área de proteção ambiental, o horto municipal de Macapá, que conta com muitas mudas de plantas que irão fazer parte do planejamento de arborização da cidade, além da riqueza de biomas e florestas, como a floresta Amazônica.

Com os exemplos supracitados fica claro e evidente que não é necessário ir muito longe, ou ainda, contar com muitos recursos financeiros para se ter educação de qualidade e comprometimento com a formação de seres humanos respeitos, empáticos, cidadãos de bem, que saiba a necessidade de preservarmos nossas florestas, não poluir nossos rios e ruas, cuidar das pessoas, ser responsáveis, críticos, conhecedores da realidade da própria cidade, estado e país.

Educar exige cuidado; cuidar é educar, envolvendo acolher, ouvir, encorajar, apoiar, no sentido de desenvolver o aprendizado de pensar e agir, cuidar de si, do outro, da escola, da natureza, da água, do Planeta. Educar é, enfim, enfrentar o desafio de lidar com gente, isto é, com criaturas tão imprevisíveis e diferentes quanto semelhantes, ao longo de uma existência inscrita na teia das relações humanas, neste mundo complexo. Educar com cuidado significa aprender a amar sem dependência, desenvolver a sensibilidade humana na relação de cada um consigo, com o outro e com tudo o que existe, com zelo, ante uma situação que requer cautela em busca da formação humana plena (Brasil, 2013, p. 20).

Verifica-se, então, a importância de propiciar aos discentes momentos que possam marcar a sua história, o seu momento, fazer deles um dos protagonistas do seu processo de aprendizagem, que para desconstruir os velhos conceitos e modelos escolares da educação tradicional, onde apenas o professor sabe de tudo e os alunos apenas ouvem e obedecem, que tem medo de se expor e estar errado e ser ridicularizado com comentários jocosos, por ter feito perguntas aparentemente bobas ou responder de forma errônea, ou ainda que estão presos a poucos recursos didáticos, como por exemplo, o quadro, pincel e o livro didático, onde as provas tem um gabarito fechado, onde não há espaço para o diálogo, para reuniões com as famílias para que elas também entendam o seu papel na educação dos indivíduos, e não apenas encontros para entregas de notas, onde os alunos que alcançaram média para aprovação são exaltados e os que não alcançaram por não se encaixar no sistema, são rebaixados, e que podem sofrer com castigos e repreensão dos pais pois os mesmos esperam que seus filhos sejam educados nas escolas.

Quando se expõe este tipo de situações não é exclusivamente para apontar que há uma tendência de ensino certa ou errada, significa dizer, que ela foi certa para uma determinada época, para geração que viveu momentos e acontecimentos muito diferentes, que viveram sobre a rédea curta do militarismo, que governou o país, e que viva uma economia caótica.

Torna-se necessário olhar para o presente e para as gerações futuras, não medi-los com as réguas do passado, pois eles não vivenciaram o que as gerações anteriores passaram, mas que pode-se ajudá-los a compreender seu papel de protagonismo na sua própria história, e fazer parte de uma sociedade tecnológica e revolucionária, que podem ser capazes de dar saltos ainda maiores, mas que precisam de estrutura para isso, que não merecem ser taxados de “nutella”, de preguiçosos, que não estudam e não trabalham, pelo contrário devemos olhar para as nossas crianças e jovens como futuros políticos, futuros funcionários públicos, profissionais liberais, artistas.

Há uma missão muito árdua para os professores, um papel de “salvadores da pátria”, quando a função do educador é como a de um mentor, um guia, aquele que vai mostrar o caminho, o professor é

aquele que forma todas as profissões, mas não é um super-herói, responsável por salvar a nação, até porque existem questões políticas e administrativas que devem ser resolvidas para que haja um verdadeiro reconhecimento do mérito dos profissionais da educação.

Logo, todo o discurso que lê-se nas diretrizes e bases da educação, nos parâmetros curriculares nacionais e na LDB⁵, parecem muito abstratos e irrealistas quando vê-se nos jornais que existem cidades com escolas sem água, sem merenda, sem materiais básicos de higiene e limpeza, o que nos deixa como interrogação, como vai ocorrer transformação, como o aluno vai crer no seu potencial se sua escola não possui internet de qualidade, se há poucos computadores, e o docente tem que fazer as vezes planos com muito pouco recurso para proporcionar vivências significativas.

Neste sentido, compreende-se que os espaços não-formais de educação não são mais necessariamente espaços institucionalizados, mas podem ser locais acessíveis a proporcionar a (re) construção do conhecimento, que pode vir a partir dos diálogos, dos contos, das rodas de conversas, das organizações de grupos que tenham interesses em comum, das investigações realizadas em espaços públicos, que tenham como fim, a educação, e não apenas excursões para fora das escolas e das salas de aula. (Barreto *et al.*, 2005).

1.3 Metodologias e estratégias de ensino adotados pelos cursos e preparatórios de concursos públicos e vestibulares

Conforme, foi discutido no subtítulo anterior, a educação pública sofre com a falta de recursos financeiros para uma educação de qualidade, por vários casos, isso fica muito evidente quando comparamos aos resultados dos vestibulares e ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), onde os estudantes oriundos de escolas privadas conseguem em sua maioria colocações de destaque (Nascimento, 1999; Carvalho *et al.*, 2005).

Isto se dá por inúmeros fatores, podemos elencar alguns de forma geral, como o fato da alimentação dos estudantes de rede pública ser de baixa qualidade, fornecendo assim déficits de minerais e vitamina, além do fato das moradias não oferecem um conforto maior, como um local reservado para estudar em casa, contando com internet de qualidade, luz, materiais e livros adequados, sem contar com a questão da saúde que pode ser muito importante, em razão da saúde pública sofrer de certas mazelas, como falta de profissionais da área, recursos financeiros, medicamentos.

Por todo, o exposto fica claro o porquê de se ter cotas para estudantes de baixa renda e oriundos de escolas públicas nas escolas, pois muitos pais não podem pagar por reforço ou atendimento domiciliar, como os estudantes de renda mais elevada podem contar com mais recursos, aparatos tecnológicos, acesso a moradia, educação, cultura, saúde e lazer de qualidade, podem ainda, ter aulas particulares, reforços, se destacando em concursos e vestibulares (Nascimento, 2008).

Os estudantes de escolas públicas por essas e outras razões precisam contar com o apoio dos professores e de espaços adequados para se nivelarem para terem maiores chances de sucesso e evidentemente transformar as suas vidas e de suas famílias, assim, observou-se que:

O crescimento desorganizado do setor da educação formal, nos anos 70, sua burocratização e sua queda geral de qualidade levaram, nos anos 80, ao ressurgimento de novas formas de educação informal através de trabalhos na área da educação popular, e de experiências na área da educação não formal, geradas a partir da prática cotidiana de grupos sociais organizados em movimentos e associações populares. Os anos 90 delinearam um novo cenário. A sociedade como um todo aprendeu a organizar e a reivindicar seus direitos de cidadania, a partir da constatação da qualidade de não-cidadãos que são na prática. Ela tem sido auxiliada pela nova base jurídico-constitucional construída a partir de 1988 com a Carta Magna do país. (Gohn, 1999, p. 8).

Em um país com sistema capitalista, dificilmente não vamos atrelar as necessidades básicas com a renda ou situação econômica de alguém, pois para se ter tais necessidades de qualidade precisa-se investir mais, e uma forma de acessar meios que permitam essa qualidade de vida para é com a educação.

⁵ Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 - diretrizes e bases da educação nacional.

Contudo, a entrega para se alcançar esses objetivos, seja aprovação em concurso ou vestibular, deve ser o máximo que a pessoa puder ter, sem o comprometimento do estudante nem o melhor professor, seja da rede pública ou privada pode fazer com que seja selecionado, é necessário que o próprio indivíduo queira ver mudança, que se capacite e se qualifique mais, pois o caminho a ser percorrido é árduo, pois contar com a sorte é para raras exceções.

Pensando, nisso e em outras questões muitos cursos e preparatórios para vestibulares adotam algumas técnicas para que os alunos relembrem aquilo que se estudou com a educação formal, mas colocam em situações que possibilitem aos estudantes se verem nelas.

Associa-se diretamente ao aprendizado de conteúdos escolares, desenvolvidos por entidades de várias naturezas como associações, sindicatos, núcleos comunitários etc. O que difere da educação formal/escolar é o fato de se realizar em instituições diferentes das escolas e de utilizar métodos de ensino específicos. (Gohn, 2010, p. 25)

Entre algumas dessas técnicas e métodos é a contextualização, primeiramente o aluno relembra os conceitos do conteúdo, depois lhes são fornecidos casos concretos ou estudos de caso, que irão colocar o estudante em uma situação problema que ele deve resolver a partir dos conteúdos estudados. Um exemplo disso é: “Imagine você um Químico, ao se depara com dois frascos ambos rotulados como composto A, entretanto você sabe que um é um conservante alimentar e outro é uma neurotoxina, e que o uso inadequado deles pode acarretar consequências indesejadas, porém você sabe que o composto alimentar é o de maior densidade. Como você resolveria este problema?”.

No exemplo acima o estudante é colocado diante de uma situação problema, e que para resolvê-la ele deve ter conhecimento sobre densidade, porém a pergunta foi contextualizada, permitiu que o aluno se utiliza de sua imaginação e utiliza-se de sua aprendizagem vista na escola.

Existem muitas outras formas de contextualização como o cotidiano do aluno, em questões de português, como por exemplo: “Vende-se”, que é muito comum quando observamos nas casas que estão para serem alienadas, no entanto, se estivemos diante de uma situação em que posta sobre uma mesa está a placa “Vende-se!” e um lenço a sua frente, qual será sua atitude, perguntar qual o preço do lenço ou usá-lo para vender-se?

Então, são situações imaginárias que são colocadas ante o estudante que podemos usar temas do seu cotidiano ou uma possibilidade, o fato é há uma contextualização para chegar ao objetivo, e não querer saber o conceito de forma abstrata.

Os cursinhos adotam essas estratégias, pois nos deparamos com essas questões e situações problemas no Enem e em concurso, obviamente que de uma forma mais elaborada e com texto mais longos, mas o fato é que o examinando se veja no contexto.

Outra estratégia adotada por estes espaços é o uso de acrônimos, que é um recurso de memorização, onde o estudante vai lembrar do conteúdo a partir da letra inicial das palavras que a compõe. Um exemplo muito comum é na área do Direito Administrativo com o uso da palavra “LIMPE”, que quer dizer: Legalidade, Impessoalidade, Moralidade, Publicidade e Eficiência”, que são princípios administrativos. Apesar de muito usual e favorecer a memorização além de se usar apenas os acrônimos o estudante pode associá-los a situações problemas e garantir que não apenas decorou, mas que vai ser mais útil.

Além dessas existe outras estratégias que alguns cursinhos usam que é o relato de experiência, onde o professor compartilha com seus alunos, como foi seu processo de estudo, qual o horário para estudar que mais lhe favorecia, além de livros, apostilas, vídeos que podem ser úteis para os alunos.

Existem ainda grupos de estudos que se formam nesses espaços, seja por afinidade ou por um colega ter mais domínio de um conteúdo do que outros, esses encontros podem ocorrer nas bibliotecas ou salas de estudos dos cursos, ou na casa de alguém, o fato é que seu objetivo é comum, que entendam o conteúdo e possam compartilhar suas experiências em outros processos seletivos, como se acalmar para as provas, quais os melhores lanches para levar, materiais que podem ser mais úteis para se ter.

Existem ainda nesses espaços momentos de incentivo, palavras de reflexão que podem ser muito úteis para o preparo psicológico dos examinandos, haja vista, que estar motivado e preparado psicologicamente é fator crucial para a aprovação, pois você pode até estudar todo o conteúdo programático, mas o nervosismo ou a ansiedade podem atrapalhar a concentração e assim acabar esquecendo daquilo que estudou, o famoso “branco”, por isso há uma necessidade de se aprender de

fato o conteúdo e não apenas decorá-lo, esses métodos e técnicas devem ser complementos e não o principal, são recursos paliativos e não definitivos se usados de forma isoladas.

Por isso, uma das técnicas mais tradicionais desses espaços é a resolução de questões, onde os professores selecionam os conteúdos que são mais cobrados e a partir deles pesquisas quais questões são mais recorrentes, optando também por escolher as provas que foram aplicadas mais recentes e que podem ajudar.

O objetivo é fazer com que o aluno esteja preparado para o maior número de situações que podem se apresentar diante dele, pois cada banca examinadora, principalmente em concursos públicos, tem um estilo de formular questões, inclusive algumas são conhecidas por “premiar” os que mais estudaram pois as questões podem ter pesos diferentes a depender do nível de dificuldade, ou ainda, anular uma questão certa a cada questão errada que foi marcada, isso faz com que o examinando marque as questões que tem certeza que estão corretas e deixe as que está na dúvida em branco, por esse motivo colocou-se a questão de dar mais chances a quem estudou mais, pois se marcar uma questão que tinha dúvidas pode perder uma que tinha certeza da resposta.

Um outro método muito compartilhado nos cursinhos é o cronograma de estudos, onde o estudante irá montar conforme o conteúdo programático, quais matérias vai estudar e em quais dias e horários ele vai se dedicar para aquela matéria, além de reservar um dia para resoluções de questões e revisões.

Há ainda, algumas técnicas como a produção pelo professor ou pelo próprio aluno que é a confecção de fluxogramas ou mapas mentais, onde o estudante ou professor, escolhe um conteúdo e partir dele faz pequenas observações e subdivisões puxando setas ou colocando em caixinhas, onde as informações estão interligadas e podem estar ligadas por verbos de ligação, além de poder colar imagens que podem ser utilizadas como recursos visuais.

Enfim, as técnicas e metodologias utilizadas pelos cursos preparatórios de concursos e vestibulares são bastante extensas, podemos observar apenas alguns, mas pode-se citar, os corujões onde as madrugadas são utilizadas para resolver questões, conversar, trocar informações, as paródias, que são canções feitas em cima da letra e melodia, geralmente de uma composição conhecida, e no lugar da letra original é colocada uma letra que traga conteúdos e informações sobre o assunto estudado, e muitos outros.

O objetivo desse trabalho de conclusão de curso, não é ser um manual de aprovação em concursos público, mas apresentá-las como são utilizadas nesses espaços não-formais de educação e entendê-los como espaços de grande relevância de cunho social, podendo suas técnicas e métodos serem usados em espaços formais, pois a aprendizagem pode ser muito efetiva com tais colaborações.

Podemos ainda destacar as relações interpessoais que são formadas nestes espaços, como laços de amizade e companheirismo, pois não proporcionam apenas momentos de estudos, ou ver o colega como concorrente e se não puder ajudá-lo é melhor pois tem mais chances de aprovação.

Pelo contrário quanto mais se socializar o conhecimento mais fácil será para que se conquiste seus objetivos, pois o ser humano é um ser social, que habita no coletivo, e quando ele ensina consequentemente aprende, pois, o colega pode lhe dar um retorno do que entendeu, podendo ser um completo do seu pensamento ou levantar questões que sozinho não teria levantadas. Portanto, reconhecer que tais espaços podem ser utilizados para trilhar caminhos transformadores, capazes de forjar laços de amizade, respeito, companheirismo, e que todos tenham sucessos nos seus planos e carreiras.

3 OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste trabalho, compreende-se a pesquisa científica como requisito fundamental para se dispor de informações relevantes, para compreender a perspectiva do professor quanto a importância da educação em espaços não formais de ensino e contribuir comunidade científica levantando dados que proporcionem valor científico e social, haja vista, ser uma educação ainda em processo de construção.

Nesse viés, a pesquisa desenvolvida é de natureza qualitativa, pois segundo Araújo; Oliveira (1997), é aquela que apresenta característica qualitativa, pois a pesquisa qualitativa não se apoia exclusivamente em dados estatísticos, como a quantitativa, mas sim entender determinados assuntos e a quantitativa se baseia em dados e variáveis, assim esta pesquisa é baseada em revisão teórica do tema, aplicação de questionário e análise dos dados.

Em relação ao tipo de pesquisa, trata-se de explicativa, com levantamento de informações e percepções dos professores, bem como relatos de suas experiências e métodos de ensino em espaços não formais. Assim, foi desenvolvida no contexto de um curso preparatórios e concursos públicos, a escolha desse contexto deu-se devido à carência de pesquisas científicas nestes lugares e a relevância que possuem na formação integral dos estudantes que buscam educação em espaços de ensino não formais.

Os participantes foram 15 (quinze) professores voluntários que atuam no projeto de extensão e social da UNIFAP ensinar e aprender (PROSEAR Mazagão), que foram identificados como professor P1, P2, P3, P4, P5, P6, ..., P15. Devido a critério da privacidade dos participantes da pesquisa.

As técnicas de coleta dos dados se deram a partir da aplicação de um questionário (em anexo) com 10 questões para os professores do projeto de extensão e social da UNIFAP ensinar e aprender (PROSEAR Mazagão) durante o primeiro semestre de 2022. Nesse questionário, foram abordadas as perspectivas dos participantes em relação à educação em espaços não formais de ensino. A aplicação do instrumento deu-se via *google forms*, um instrumento on-line disponibilizado pelo *Google*, devido o momento pandêmico atual.

De posse das respostas dos participantes e da organização prévia do material empírico, aplicar-se-á o método de análise dados quantitativos e qualitativos, haja vista que nos questionários existem perguntas de cunho descritivo e perguntas objetivas, as questões abertas são um excelente espaço para que o docente sinta liberdade para descrever de mais claramente as suas percepções, pois, cada indivíduo possui uma personalidade, e não existe exatamente um padrão de como dar uma boa aula, isso vem com as experiências e os anos de convivências com os alunos, o professor pode adquirir métodos que irão se moldar aos ritmos das turmas também, pois a depender da idade, classe social e econômica existem técnicas de ensino que podem ser adequar aos mais diversos públicos.

Neste sentido, segundo Minayo (1993), a entrevista pode ser sobre a história de vida de uma pessoa, tanto dela de forma mais geral, quanto de uma parte dela, assim sendo, das suas vivências e experiências, desde que, dentro dos objetivos estabelecidos pela pesquisa.

Em termos de desenvolvimento da pesquisa, no primeiro momento será realizado embasamento teórico e revisão da literatura, utilizando-se da rede mundial de computadores (internet), especificamente o buscador *google acadêmico*, utilizando as palavras-chave:

“educação+espaço+não+formal+de+ensino”, “métodos+ensino+cursinhos+vestibulares+concurso”, para fundamentar a pesquisa com conceitos relevantes sobre o tema, com um levantamento desde os estudos mais antigos até os mais atuais, para que essa construção cronológica, revele o motivo de tal tema ser como é hoje, desde os conceitos mais aceitos de forma mais global, até aqueles que divergem em pontos mais específicos, por isso, o capítulo dos resultados e discussões conta com quatro subtítulos, construídos de forma estruturada conforme o surgimento do tema, perpassando pelos dias atuais, os métodos de ensino adotados pelos cursos e preparatórios de concursos e vestibulares, até a contribuição da pesquisa pelos professores do projeto PROSEAR (Mazagão).

Por fim, serão pontuados os resultados, após a devida a análise dos dados e as considerações finais, trazendo à luz a contribuição do presente trabalho para a sociedade e comunidade acadêmica, devido ao cumprimento dos objetivos propostos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No subtítulo anterior foram apresentados de forma geral algumas técnicas e metodologias de ensino utilizadas nos espaços não formais de educação, de cursos de concursos e vestibulares, no entanto, também destacou-se que o objetivo do presente trabalho é analisar as perspectivas dos professores do projeto de extensão e social da UNIFAP ensinar e aprender – PROSEAR Mazagão em relação à formação integral do estudante e como essas técnicas e métodos podem ser aliadas junto à educação formal recebida nas escolas.

Conforme apresentado nos procedimentos metodológicos, foram encaminhados formulários para os professores do projeto social, porém, dos 15 professores atuantes no projeto de extensão apenas 10 participaram da pesquisa, e dos 10 apenas 07 responderam todas as questões que foram atribuídas no formulário, mesmo com um número abaixo do esperado pelo pesquisador, as respostas enviadas foram muito satisfatórias, pois os participantes atenderam aos objetivos propostos pelo trabalho, revelando as suas contribuições e metodologias utilizadas no espaço de ensino não formal e que podem ser adotados nas escolas de espaços formais de ensino, contribuindo assim, para a formação integral dos estudantes.

Como estabelecido na metodologia, os professores serão identificados de P1 à P15, conforme a ordem de respostas retornadas. O primeiro questionamento foi em relação à área de formação e em qual instituição de ensino superior que estudou.

“1) Qual sua área de formação? Qual foi a instituição de ensino superior que você estudou?”

A análise, inferida da questão 1, conforme o quadro respostas 1 é que o projeto conta com a participação de professores com diferentes áreas de ensino, e em diferentes instituições, isto revela-se muito importante, pois fornece aos alunos a possibilidade de vivências com docentes com experiências variadas, o que é enriquecedor para as discussões e debates em sala de aula.

Haja vista, que quanto maior a diversidade e a pluralidade adota nesses espaços os resultados almejados serão mais satisfatórios, além das graduações que contam com profissionais desde bacharéis a licenciados, observa-se também que as instituições de ensino são diferentes, pois são desde faculdades particulares à universidades públicas, que possuem realidades muito pontuais, que podem colaborar em muito com essas vivências junto com os participantes do projeto, como por exemplo, as greves enfrentadas nas universidades públicas, onde professores e corpo técnico lutam por melhores condições de trabalho e remuneração, bem como a melhoria dos espaços de ensino, o que gera adequações no calendário acadêmico para que possam recuperar o tempo de que foi destinado às manifestações e paralisações, além disso, as universidades públicas contribuem muito para a educação, ciência e tecnologia do país, fomentando pesquisas muito relevantes, ofertando bolsas de incentivo à pesquisa, docência, ou mesmo bolsas trabalho na própria instituição, e outras tipos de bolsas permanência, o que não se encontra esse apoio em muitas faculdades particulares, onde você deve dispor de maiores recursos financeiros para se manter, porém não tem greves.

Portanto, cada um dos exemplos supracitados são importantes para se compartilhar com aqueles que desejam seguir o caminho acadêmico e é proporcionado justamente pela diversidade de cada professor que possui em sua trajetória de formação muitas experiências na academia.

Quadro 1 - Formação acadêmica dos participantes

Professor	Resposta
P1	CEAP - Centro de Ensino Superior do Amapá
P2	IFAP - Instituto Federal do Amapá
P3	História. UNIFAP - Universidade Federal do Amapá.
P4	Bacharel em Direito. ESTÁCIO – Faculdade.
P5	Pedagogia. UNIP - Universidade Paulista.
P6	Ensino médio completo. Formação Ensino Médio Completo
P7	Bacharelado em história. UNIFAP - Universidade Federal do Amapá.
P8	PSICÓLOGO. ESTÁCIO – Faculdade.
P9	Licenciatura em Matemática. IFAP - Instituto Federal do Amapá.
P10	Educação física bacharel. FAMA - Faculdade do Amapá.

Fonte: autor

Em seguida indagou-se: *Qual o tempo de docência dos docentes?*

“2) Qual seu tempo de docência?”

- () menos de 3 anos.
- () entre 4 e 5 anos.
- () entre 6 e 10 anos.
- () mais de 10 anos.”

Conforme as respostas, apenas sete professores responderam essa questão e conforme o gráfico 01, 100% dos participantes responderam a primeira opção, qual seja, menos de 3 anos.

Gráfico 01 - Experiência na Docência



Fonte: Autor

A partir da resposta fornecida, analisou-se que os participantes da pesquisa ainda contam com pouco tempo de carreira docente, o que do ponto de vista pedagógico possui pontos distintos a serem tratados, o primeiro diz respeito a formação inicial dos professores que podem ter tido maior contato com metodologias ativas, novas tendências pedagógicas, ensino menos tradicional, conhecer a importância do movimento CTSA (Ciência, Tecnologia, Sociedade e Meio Ambiente), onde são feitas por temas geradores e contextualização do conteúdo, também são professores que estão com muita sede de aprender mais de ensinar, de querer aplicar aquilo que aprenderam na faculdade e em seus estágios.

Em contrapartida, pode-se inferir uma análise no sentido de que ainda irão vivenciar muitos dilemas na carreira docente, que enfrentarão ainda novos desafios que poderão contribuir para o crescimento profissional, como lidar com alunos de diferentes classes sociais, que precisam trabalhar, no caso de jovens e adultos, com filhos e família adoentados, com dificuldades de se relacionar e criar laços, de falar, além é claro de alunos que precisam de inclusão, seja por dificuldades físicas, psíquicas ou psicológicas, é uma gama de realidades, saberes, que tem que estar preparado e por isso a importância de ter paciência para saber lidar com os mais diversos indivíduos, pois, todos possuem sua identidade, gênero e religião e que devem ser respeitados em suas individualidades e enquanto seres sociais.

Portanto, o tempo de docência é muito relativo e possui seus pontos positivos e negativos, e a experiência só vem com o tempo, dedicação, anos de estudo e formação continuada, haja vista, que não existe uma fórmula secreta para ser um bom professor, mas sim entrega, empenho e interesse em se aperfeiçoar cada vez mais, já que tal profissão é muito importante em seu papel e função social, já que é responsável por formar cidadãos, então esse compromisso deve ser firmado e levado à sério em todos os níveis desde o maternal ao ensino superior e pós-graduação.

Posteriormente questionou-se: *Você possui curso de pós-graduação?*

“3) Você possui pós-graduação?

- () Sim.
 () cursando.
 () Não.”

As respostas possibilitaram inferir, que conforme o quadro 2 de respostas, existem professores que possuem pós-graduação, o que é muito importante, haja vista que o conhecimento e formação continuada são muito importantes, afim de se haver qualificação profissional e a consequente melhora na qualidade de ensino, porém alguns professores ainda não possuem tal qualificação, o que pode revelar-se um entrave que podem interferir no crescimento e qualificação profissional dos mesmos, e que as dificuldades em acessar os cursos de pós-graduação, que quando ofertados de forma pública são altamente concorridos e na rede privada podem ser inacessíveis financeiramente, principalmente sem uma fonte de renda favorável a tal investimento.

Assim sendo, a pós-graduação não é um requisito para se ensinar no projeto, onde apenas 03 professores concluíram esse nível, porém é um fato que ainda são professores com pouco tempo de docência e que futuramente podem se planejar e se organizar para concluir a pós-graduação, não que isso interfira de forma negativa no processo de ensino, haja vista que a educação nesses espaços não é apenas formal e conteudista, mas a aprendizagem coletiva, repassando como chegaram no nível de ensino atual, além de suas experiências de vida.

Portanto, a pós-graduação não é um empecilho para se ensinar, pois podemos aprender também com pessoas não letradas, mas que são mestres na vida em outras áreas, como saber muito sobre remédios caseiros, plantação, pesca, que são conhecimentos que podem dialogar com os saberes científicos ministrados em sala de aula e em espaços não-formais de educação, porém ressalta-se a importância das pós-graduações tanto para o ensino, quanto para a pesquisa na educação, visando sempre uma educação de qualidade e que possa chegar à todos.

Quadro de respostas 2

Professor	Resposta
P1	Sim.
P2	Não houve resposta.
P3	Cursando.
P4	Não.
P5	Não.
P6	Não
P7	Não houve resposta.
P8	Sim.
P9	Sim.
P10	Não.

Fonte: Autor

Na sequência, perguntou-se se eles possuíam algum curso de complementação na área de Educação em Espaços não Formais de Ensino e se tinham qual seria.

“4) Você possui algum curso de complementação na área de Educação em Espaços não Formais de Ensino? Qual?”

Quadro de respostas 4

Professores	Resposta
P1 à P10	Não

Fonte: Autor

Inferiu-se, conforme o quadro de resposta 4, que nenhum professor possui complementação na área da Educação em espaços não formais, o que revela que é necessário maior ampliação e divulgação da relevância destes espaços para a formação integral dos estudantes, que quanto maior for a capacitação nessa área maior será o retorno também para a sociedade, pois haverá mais estudantes éticos, ativos e participativos, além da aprendizagem nesses espaços ser útil e um forte aliado para a educação formal recebida nas escolas.

E que apesar de nenhum professor possuir tais cursos de complementação, não deixam de oferecer mesmo que de forma mais indireta evidentes contribuições na vida dos participantes e como esses espaços de educação não-formais podem ser fontes de saber, cultura, e colaboração para que outras pessoas possam realizar seus sonhos de cursar o nível superior e passar no concurso público.

Portanto, é necessário mais empenho para que os cursos de complementação em espaços de educação não-formais sejam implementados nas instituições de ensino superior sejam públicas ou privadas em todo o território brasileiro, haja vista, que tais espaços precisam ser utilizados de forma corretas, de acordo com seus princípios e conceitos fundamentas, para que não haja, desvirtuação dos

seus objetivos, que são muito claros e pontuais, e que mais profissionais da educação possam investir tempo e seus recursos para que saibam como proceder de forma o mais eficiente possível.

O questionamento seguinte abordou:

“5) Durante sua graduação, você cursou alguma disciplina ou vivenciou alguma experiência voltadas para Educação em Espaços não Formais de Ensino? Em caso positivo, conte um episódio dessa experiência”.

Conforme, o quadro de respostas 5, a metade dos professores cursaram alguma disciplina ou vivenciaram alguma experiência, onde apenas dois revelaram que obtiveram essa experiência através do projeto PROSEAR, o restante não teve essa oportunidade ou não respondeu ao questionamento, a partir disso inferiu-se que, os cursos de formação inicial precisam fornecer mais vivências como essas dada a relevância do tema e os que vivenciaram obtêm resultados positivos e significativos e que podem ser enriquecedores para todos os envolvidos no processo educacional.

Assim, incentivar e fomentar maior espaço e dedicação para esse tema é preciso, quanto mais ficar claro esses processos de ensino maiores serão o retorno dos estudantes em resultados e ganhos e em qualidade de vida, por isso a criação de disciplinas sobre os espaços não-formais de educação pode ajudar muito nessa formação inicial, além é claro dos fóruns, oficinas, encontros e semanas acadêmicas que já discutem há muitos anos este tema, podemos ver ainda que as fontes de pesquisa bibliográficas como artigos e trabalhos de conclusão de cursos são materiais riquíssimos quanto aos conceitos e bases para poder se trabalhar, no entanto quanto mais livros e importância for lhe dado melhor, pois há muito se contribuir.

Quadro de resposta 5

Professores	Resposta
P1	Não
P2	Não houve resposta
P3	Não
P4	Não
P5	Sim. Tive uma participação como professor do projeto Prosear.
P6	Sim.
P7	Não houve resposta
P8	Sim. Ensino aprendizagem
P9	Sim, Aulas de Raciocínio Lógico e Matemática dadas através do Projeto Prosear
P10	Sim. Ginástica laboral em empresas. Funcional para crianças e idosos

Fonte: Autor

A questão seguinte foi em relação as aulas ministradas em espaços não formais de ensino, se utilizou-se de qual recursos ou estratégia metodológica.

“6) Durante suas aulas em espaços não formais de ensino, você utiliza quais desses recursos ou estratégias metodológicas?

- () Sim música
- () Sim Paródia
- () Sim Dinâmicas
- () Sim Relatos de experiências
- () Sim Participação em grupo
- () Sim Rodas de conversa
- () Não () outros. Qual?”

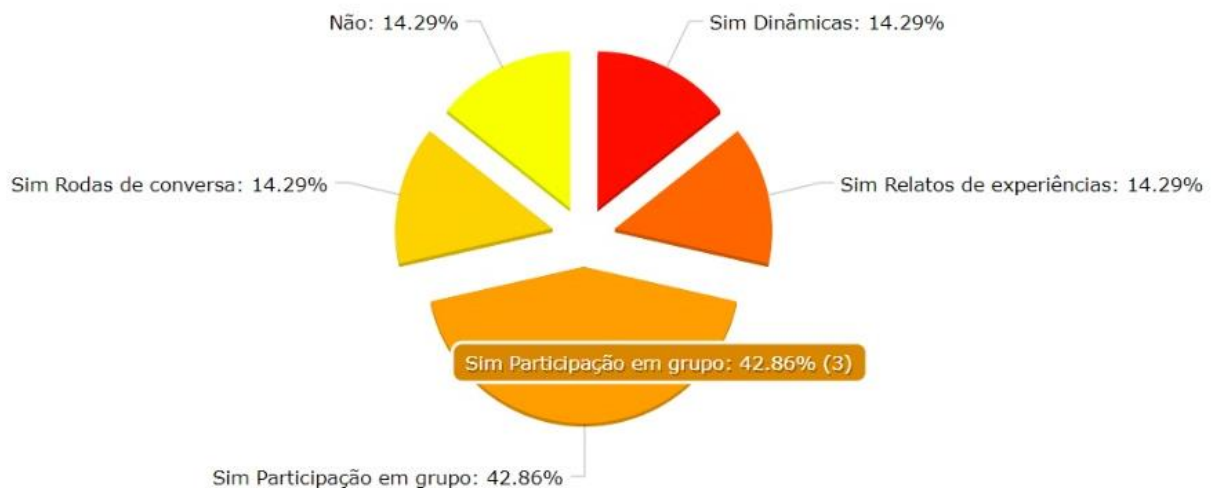
Conforme o gráfico 02, 42,9% utilizam a participação em grupo, ou seja, a maioria dos professores do projeto usam essa metodologia em suas aulas, infere-se que o custo-benefício dessa prática, quando realizada em espaços adequados e com objetivos bem definidos, pode ser uma grande

oportunidade para o ensino-aprendizagem mais efetivo, haja vista que essas dinâmicas favorecem a cooperação, a aprendizagem mútua e o resultado comum a todos.

Porém vemos que os outros recursos são pouco explorados no projeto, como as paródias, músicas e outras dinâmicas, o que pode-se inferir, que os professores ainda tem uma certa resistência quanto ao uso das demais técnicas, seja por falta de tempo ou de conhecimento, muitos educadores ainda ficam presos à modelos de ensino conteudistas e que pensam que quanto mais conceitos passarem para os estudantes melhor, o que é um pensamento ultrapassado do ponto de vista pedagógico, pois atualmente discute-se um ensino com maior contextualização, exemplificação e experimentação, trabalhos em grupo, não é mais interessante de que o estudante “decore” fórmulas, anos, datas, conceitos, sem entender o porquê daquilo para a sua vida e para a sociedade.

Portanto, quanto mais recursos forem utilizados melhor será o aprendizado mais os alunos irão interagir, o importante é ressaltar que o aluno se sinta parte fundamental do seu processo de ensino e que seu desempenho satisfatório ou excelente depende em sua dele próprio.

Gráfico 02 - Utilização de recursos didático-pedagógicos



Fonte: Formulário de Pesquisa.

O próximo questionamento foi sobre a contribuição destes espaços para a experiência profissional deles.

“7) Em que termos suas aulas em espaços não formais de ensino contribuem ou contribuíram para sua experiência profissional?”

Conforme o quadro de respostas sete a experiência foi enriquecedora para todos os professores que responderam ao questionário, com exceção de dois que não deram respostas, sendo assim a maioria considera que os espaços de ensino não formais são importantes para a experiência profissional, onde um apontou que compartilhar as experiências de vida foram importantes e outros que a foram relevantes devido a experiência de lidar com o público, assim inferiu-se que a participação nesses espaços também agrega a experiência docente e a vida do próprio, pois permitiu-se ensinar aquilo que sabe, mas também adquiriu novas experiências.

Atribui-se às relações interpessoais formadas nas rodas de conversas suscitadas como a estratégia de ensino mais utilizada tal resultado, ora, o crescimento e desempenho profissional não se reflete apenas no contracheque e nem no currículo lattes, o fato que mesmo com aulas gratuitas muitos concordam que tiveram crescimento pessoal também, haja vista que os alunos não são uma “página em branco” ou “sem luz” como o próprio significado do termo sugere, mas são pessoas, que trazem em sua bagagem de vida relatos e histórias de fracassos, de derrotas, de falhas e de vitórias, de conquistas e de sucesso, uma classe sempre terá pessoas com personalidades distinto, alguns mais tímidos e reservado, outros mais dispostos e mais dinâmicos, porém todos tem algo a oferecer, o conhecimento não é uma rota de um via apenas, mas de mão-dupla, onde o “feedback” dos estudantes pode ter muito a colaborar.

Portanto, os espaços de educação não-formais podem somar também para os docentes, que podem sair do comodismo e do marasmo e se desafiar em territórios de ensino para além das quatro paredes e buscar nos “ares” e ter como retorno ganho pessoal e profissional, pois todas às vezes que se é questionado ou confrontado por seus alunos é uma oportunidade que se tem de aprender mais e conhecer mais, mesmo que não se saiba a resposta de imediato, pois pode ser uma curiosidade que não se tinha, pode ser uma oportunidade pesquisar, de investigar, de crescer juntos.

Quadro de respostas 7

Professor	Resposta
P1	Foram ótimas pelo ensino
P2	Não houve resposta
P3	Aprimoramento e experiência profissional
P4	Foram relevantes por compartilhar as experiências de vida e como se preparar o Enem e concursos.
P5	Experiência com o público em ministrar aulas
P6	Presencial e online
P7	Não houve resposta
P8	Conhecimento
P9	Contribuem para que outras pessoas possam ter mais conhecimentos e assim poder conquistar seus objetivos através do ensino.
P10	Em amplas áreas

Fonte: Autor

Posteriormente, indagou-se em que termos suas metodologias utilizadas em espaços não formais de ensino contribuíram para a aprendizagem e formação integral dos alunos.

“8) Em que termos suas metodologias utilizadas em espaços não formais de ensino contribuem para a aprendizagem e formação integral dos alunos?”

Conforme o quadro de resposta 8, inferiu-se que poucos professores entenderam a importância das suas estratégias de ensino para a formação integral do aluno, entre as respostas positivas ressalta-se que as experiências compartilhadas em grupo são importantes para aprovação ou classificação em processos seletivos e concurso, outro falou diretamente sobre conhecimento para o mercado de trabalho e o último apontou a procura por uma educação melhor e de qualidade. Inferiu-se que os professores devem compreender que suas metodologias de ensino não são pouco relevantes, que para além de oportunidades de trabalho, contribui para a formação e desenvolvimento integral do estudante que pode ser alguém com participação ativa na sociedade, um cidadão consciente, crítico, ético, que pensa no bem comum e coletivo.

Desta forma, a aprovação em um vestibular ou concurso pública é apenas uma parte de um resultado muito maior em sua vida, que o que aprendeu com seus colegas e professores nos espaços não-formais de educação pode lhe proporcionar a chance de ver o mundo de forma mais humanizada, que seu tempo de dedicação e aprendizagem pode trazer bons “frutos” para sua vida pessoal também, aprendendo a se relacionar melhor, saber questionar e resolver problemas e conflitos sem prejudicar outras pessoas, mas pensando de forma coletiva e justa, que quando participa de rodas de conversa e

contribui com suas opiniões e percepções pode colaborar com outras pessoas sem enxergá-los única e exclusivamente como seus concorrentes.

Portanto, não se pode negar que a formação continuada sobre os espaços não-formais é necessária, pois muitos professores ainda pensam muito no retorno financeiro e destaque social que a educação e os estudos podem proporcionar, o que é muito importante também, principalmente no Brasil, haja vista, que se utiliza o sistema capitalista, mas também devemos levar em consideração a formação integral do ser humano, que pense de modo coletivo, menos egoísta e individualista, pois se a sociedade se comportar de forma mesquinha e pouco humana, como podemos esperar ter bons profissionais, bons médicos, professores, artistas que pensam que falam, que sabem se posicionar, que podem fazer a diferença de forma útil.

Quadro de respostas 8

Professores	Respostas
P1	Ótimas
P2	Não houve resposta
P3	Não houve resposta
P4	Contribui para que o aluno perceba que como os seus colegas e professores conseguiram eles também podem conseguir se formar ou ter um emprego público e que exige muito que ele esteja atento às dicas já que os erros e acertos de outros o ajudam a fazer melhores escolhas e ter resultados satisfatórios como a classificação ou aprovação
P5	Em conhecimento de mundo e para o mercado de trabalho. Se.
P6	Práticas
P7	Não houve resposta
P8	Sim
P9	Sempre procurando resultados positivos em prol de uma educação melhor e de qualidade
P10	Não entendi

Fonte: Autor

A pergunta seguinte, foi sobre a opinião, se os métodos de ensino que eles utilizam em espaços não formais de ensino podem ser utilizados também nas escolas e por quê?

“9) Na sua opinião, os métodos de ensino que você utiliza em espaços não formais de ensino podem ser utilizados também na escola? Por quê?”

Conforme o quadro de respostas 9, a maioria dos professores acreditam que suas estratégias de ensino podem ser utilizadas nas escolas, inferiu-se que os diferentes tipos de educação podem dialogar entre si e possibilitar o crescimento pessoal e profissional dos estudantes e dos professores, pois a maioria das metodologias apontadas nos resultados podem ser mescladas com atividade acadêmicas e curriculares, enriquecendo as vivências dos alunos e práticas pedagógicas dos docentes.

Deste modo, todos que responderam entendem que essas estratégias podem ser utilizadas nas escolas, que não é necessário haver competições entre os espaços e saberes e nem hierarquização entre os mesmos, pois podem ser utilizadas rodas de conversas nas escolas, dinâmicas, ludicidade, jogos, meios que permitam as trocas de experiências e que todos possam ter espaço para manifestar suas ideias de maneira lógica, democrática e respeitosa.

Portanto, um dos objetivos propostos neste trabalho foi alcançado com essas respostas, pois o diálogo, o respeito, e as relações interpessoais podem ser utilizadas nas salas de aula das escolas, pois não se deve apenas esperar que os educadores sejam os detentores do conhecimento, claro que devido a

formação profissional os mesmos devem saber o conteúdo e definir os objetivos conforme os planos ensino e planejamentos curriculares nacionais, mas adequar as atividades para que as trocas de ideias, os trabalhos em equipe e que depois possam ser expostos para todos é possível e deve ser cada vez mais promovido.

Quadro de respostas 9

Professor	Resposta
P1	Nada a relatar
P2	Não houve resposta
P3	Não houve resposta
P4	Sim. Porque o diálogo e participação deve ser provocada, não a ponto de constranger ou ser feito exclusivamente se for ganhar pontos em suas notas, mas que isso lhe fará bem que pode compartilhar suas histórias e que isso pode ser positivo para a vida enquanto comunidade e que pode estreitar os laços entre os indivíduos.
P5	Sim. Porque são conhecimentos básicos para obter sucesso profissional.
P6	Sim podem
P7	Não houve resposta
P8	Sim. Melhoras conhecimento
P9	Sim, a realidade as vezes pode ser mostrada para que culturas diversas possam ser compartilhadas e assim os conhecimentos de diversas etnias possam ser vivenciados tanto em sala de aula quanto fora.
P10	Estafetas

Fonte: Autor

O último questionamento:

“10) Sua opinião é muito importante para esta pesquisa, então relate a importância socioeducativa do projeto PROSEAR como um espaço não formal de ensino”.

Conforme o quadro de respostas 10, a maioria reforçou a relevância do projeto PROSEAR para a comunidade, principalmente por ser gratuito, por reforçar o diálogo, aprender com diferentes pessoas é um ganho muito importante, e a carência que o projeto sofre com a falta de recursos financeiros. Inferiu-se que os espaços de não formais de educação são muito importantes para a sociedade, que suas estratégias podem ser adotadas nas escolas, que o crescimento e formação integral dos alunos fundamental, e que por ser gratuito assim como muitas escolas públicas sofre com a falta de incentivo econômico e financeiro, e precisa planejar objetivos com maior custo-benefício e com propostas significativas e bem definidas.

E que mais espaços como esses possam ser implementados no país, que a colaboração mútua permite que todos os envolvimento no processo de ensino-aprendizagem podem somar juntos seus esforços em prol de uma educação de qualidade, que ser gratuita não significa que não tem relevância, pelo contrário, demonstra que há empatia para com aqueles que são hipossuficiente e desprivilegiados econômica e financeiramente e que precisam de uma oportunidade de crescer e se desenvolver pessoal e profissionalmente.

Portanto, os resultados foram muito satisfatórios pois os participantes contribuem para que o projeto atinja seus objetivos e entendem seu papel social na comunidade que não dispõem de muitos recursos para frequentar cursos particulares e fora da sua comunidade, permitindo a chance de concorrer de forma mais justa com demais candidatos nas provas quando colocam em prática o que aprenderam e também podem ajudar outras pessoas da sociedade.

Quadro de respostas 10

Professores	Respostas
P1	Projeto sofre de recursos financeiros, e articulações políticas

P2	
P3	A ideia de levar o conhecimento a população com menos de iniciativa livre pode ajudar a diminuir desigualdade profissional no mercado de trabalho e educacional
P4	É importante por ajudar na formação individual mas que quando feita em grupo acaba ajuda todo um coletivo e uma comunidade, o ato de compartilhar sua trajetória acadêmica e preparação para concurso de forma gratuita financeira mas que você que está contribuindo para a formação de outras pessoas é um verdadeiro ato de revolução social que devemos ter enquanto sociedade, por que mais pessoas carentes acessando espaços que eram exclusivamente de uma elite rica, mesmo que a concorrência seja grande vemos que temos uma chance e podemos lutar por algo melhor e ver essa gana em seus alunos contribui para a formação pessoal do próprio professor que em suas rodas de conversa também aprende ao compreender as dificuldades e onde os estudantes devem se dedicar mais.
P5	Compartilhar conhecimento é bom, para que, juntos cresçamos intelectualmente.
P6	Sim
P7	
P8	Espaço voltado para comunidade
P9	Levar o conhecimento e compartilhar experiências torna o outro ser humano mais motivado, sempre pensando em alcançar seus objetivos, alcançando suas metas e realizando sonhos.
P10	Ajudar a comunidade como um todo. Que necessita de conhecimento gratuito

Fonte: Autor

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais acerca do tema são muito pontuais quanto a relevância da educação nos espaços não formais de ensino, desde os seus primórdios, até os dias atuais, nos mais diversos ambientes, com destaque para os cursos e preparatórios de concursos públicos e vestibulares.

A pesquisa foi muito positiva, haja vista que os objetivos propostos foram alcançados, e foi percorrido todo o caminho metodológico e teórico que embasou e fundamentou o trabalho, o tornando relevante e de cunho científico.

Todo o caminho percorrido desde a escolha do tema, sua justificativa e problemática, e todos os métodos necessários para a produção de uma pesquisa científica até os resultados e discussões e propostas didáticas pedagógicas, foram de suma importância, pois por mais que o tema seja conhecido e debatido há alguns anos, conclui-se que a abordagem do presente trabalho possibilitou a abertura e possibilidade para mais diálogos, contribuições, curiosidades e novas pesquisas sobre tais saberes, pois ouvimos relatos de professores em um projeto, que foi enriquecedor, o que pode ser apenas um ponto de partida para mais investigações, como a percepção dos alunos, das escolas que possuem apenas educação formal, projetos de intervenção pedagógica, enfim, as possibilidades são muitas e foi de suma importância para o crescimento do pesquisador.

Portanto, pretende-se que este seja muito útil para a sociedade e comunidade acadêmica, pois um tema de tal proporção pode gerar impactos positivos e significativos para o arcabouço do conhecimento científico, iluminando e sendo fonte de pesquisa, pois esse é um dos objetivos da academia, fazer com que os acadêmicos produzam saberes científicos, e os espaços não formais de educação são uma realidade, que podem colaborar em muito para a formação dos estudantes para além do saber escolar, mas práticas que podem transformar vidas, sejam por atividades em grupos, visitas a museus, parques, jardins botânicos ou nas próprias escolas, pois a pesquisa revelou quais técnicas podem ser usadas pelos professores em sala de aula, como uma alternativa ao ensino tradicional, com baixo custo mas resultados significativos.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, Maria Inez Pereira de; FACHÍN-TERÁN, Augusto. **Elementos da floresta: recursos didáticos para o ensino de ciências na área rural amazônica**. Manaus: UEA EDIÇÕES, 2010, 84p.
- GOHM, M. G. **Educação não-formal e cultura política**. Impactos sobre o associativismo do terceiro setor. São Paulo, Cortez. 1999.
- ARAÚJO, Aneide Oliveira; OLIVEIRA, Marcelle Colares. **Tipos de pesquisa**. São Paulo, 1997.
- BARRETO, P. *et al.* **Pressão humana na floresta amazônica brasileira**. Belém: WRI; Imazon, 2005.
- BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da República do Brasil**. Brasília: MEC, 1996.
- BRASIL. Orientações curriculares para o ensino médio: Ciências da natureza, matemática e suas tecnologias. **Secretaria de Educação Básica**. Brasília: MEC, 2006. (volume 2).
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais. **Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica**. Brasília, DF: MEC, 2013.
- CARVALHO, J. C. *et al.* (Org.). **Cursos Pré-vestibulares comunitários: espaços de mediações pedagógicas**. Rio de Janeiro, Ed. PUC-Rio, 2005.
- CASTRO, C. de M.; CARNOY, M. **Como anda a reforma da educação na América Latina**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.
- FULFORD, C. e ZHANG, S. Perception of interaction: the critical predictor in distance education. **The American Journal of Distance Education**. 7(3), 1993.
- FLORES, M. & GONZÁLEZ, S. **Medios ambientes de aprendizaje colaborativo en educación a distancia: una experiencia en proceso**. EGE, *Escuela de Graduados en Educación*. 5, 4-12, 2001.

GOHN, M. G. **Movimentos sociais e educação**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

GOHN, M. G. **Movimentos sociais e luta pela moradia**. São Paulo: Loyola, 1991.

GOHN, M. G. **Os sem-terra, ongs e cidadania: a sociedade civil brasileira na era da globalização**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GOHN, M. G. **Educação Não Formal e o Educador Social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo, Cortez, 2010.

IOSIF, Ranilce Mascarenhas Guimarães. **A qualidade da educação na escola pública e o comprometimento da cidadania global emancipada: implicações para a situação de pobreza e desigualdade no Brasil**. Tese de doutorado. Pós-graduação em política social. Universidade de Brasília. Brasília, 2007. Disponível em: < https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2560/1/Tese_RanilceMascarenhasGIosif.pdf >. Acessado em: 09 de janeiro de 2022.

MARANDINO, Martha; SELLES, Sandra Escovedo; FERREIRA, Marcia Serra. **Ensino de Biologia: histórias e práticas em diferentes espaços educativos**. São Paulo: Cortez, 2009.

MARANDINO, M. Museu como lugar de cidadania. *In*: TV ESCOLA. **Museu e Escola: Educação Formal e não formal**. Salto para o futuro. Ano 19, n. 3, maio, 2009. p. 29-35.

MARANDINO, Martha. Museu e escola: parceiros na educação científica do cidadão. *In*: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Reinventar a escola**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 189-220, 2000.

MARQUES, Mário Osório. Educação nas ciências: interlocução e complementaridade. **Ijuí: Unijuí**, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde**. 2. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1993.

MOL, G. S.; SANTANA R. O.; SILVA, W. P. Diálogo de saberes, trabalho de tradução e interculturalidade: intersecções possíveis no ensino de Química. **Debates em educação**. Vol. 13. Número Especial, 2021.

NASCIMENTO, A. **Movimentos sociais, educação e cidadania: um estudo sobre os cursos pré-vestibulares populares**. Dissertação. (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

NASCIMENTO, A. Universidade e cidadania: o movimento dos cursos pré-vestibulares populares. **Revista Lugar Comum: Estudos de Mídia, Cultura e Democracia**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, n°. 17, pp. 45-60, junho, 2008.

ROCHA, S. C. B. **A escola e os espaços não formais: possibilidades para o ensino de ciências nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. 174f. 2008. (Dissertação de Mestrado Profissionalizante). Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia. Manaus: PPGEECA, 2008.

RIBEIRO, F. Motivação e aprendizagem em contexto escolar. **Revista PROFORMA**, n° 03, Jun. 2011. Disponível em: < http://cefopna.edu.pt/revista/revista_03/pdf_03/es_05_03.pdf >. Acessado em: 07 de janeiro de 2022.

ROCHA, Sônia Cláudia Barroso da; FACHÍN-TERÁN, Augusto. **O uso de espaços não formais como estratégia para o ensino de ciências**. Manaus: UEA/Escola Normal Superior/PPGEECA, 2010.

ROCHA, S. C. B. da. **A escola e os espaços não-formais**: possibilidades para o ensino de ciências nos anos iniciais do ensino fundamental. 2008. Dissertação de mestrado em Ensino de Ciências na Amazônia. Manaus: UEA/ Escola Normal Superior.

PRAIA, J.; GIL-PÉREZ, D.; VILCHES, A. O papel da natureza da Ciência na Educação para a cidadania. **Ciência & Educação**. v. 13, n. 2, p.141-156, 2007.

SILVA, Edgar Félix da. **O que falta ao instituto do concurso público?**. Trabalho de Conclusão de Curso. Bacharel em Direito Assis. Instituto Municipal de Educação de Assis – IMESA. 2010. Disponível em: <https://cepein.femanet.com.br/BDigital/arqTccs/0811230247.pdf>. Acessado em: 09 de janeiro de 2022.

SILVA, O.G.; NAVARRO, E.C. A relação professor-aluno no processo ensino aprendizagem. **Revista Eletrônica Interdisciplinar**, v. 2, n. 8, 2012.

WHITAKER, D.C.A.; FIAMENGUE, E.C. **Dez anos depois**: UNESP diferentes perfis de candidatos para diferentes cursos (estudo de variáveis de capital cultural). São Paulo: Fundação Vunesp, 1999. 259p.

ZUANON, A.C.A.; DINIZ, R.H.S.; NASCIMENTO, L.H. Construção de jogos didáticos para o ensino de Biologia: um recurso para integração dos alunos à prática docente. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, v. 3, p. 49-59, 2010.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pois sou diácono, professor e sirvo ao Senhor, fonte de força, sabedoria e direção em minha vida.

Aos meus pais, que não mediram esforços para que eu tivesse uma educação baseada na busca constante pelo conhecimento.

À minha esposa, Rute Albuquerque, pelo amor, apoio e compreensão ao longo desta trajetória.

À Igreja Rocha da Bênção, à UNIFAP e aos colaboradores do Projeto PROSEAR, pelo incentivo, parceria e contribuição para minha formação pessoal, acadêmica e profissional.

Projeto PROSEAR – <https://www2.unifap.br/prosear/>, pois, é uma ação extensionista para a sociedade Amapaense, podendo um dia alcançar o nosso Brasil.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Fabio Colins da Silva, pela orientação segura, dedicação e contribuições acadêmicas fundamentais para a realização deste trabalho.

Ao Prof. Esp. Clebson dos Santos Simplício, pelo apoio, disponibilidade e importantes contribuições durante o desenvolvimento deste estudo.

Aos professores Marise, Clenson, Carlos Alexandre Santana Oliveira e Cristina Oliveira Coutinho, pelas orientações, ensinamentos e incentivo ao longo da minha formação acadêmica.

ANEXO**QUESTIONÁRIO**

1) Qual sua área de formação? Qual foi a instituição de ensino superior que você estudou?

2) Qual seu tempo de docência?

menos de 3 anos.

entre 4 e 5 anos.

entre 6 e 10 anos.

mais de 10 anos.

3) Você possui pós-graduação?

Sim.

cursando.

Não.

4) Você possui algum curso de complementação na área de Educação em Espaços não Formais de Ensino? Qual?

5) Durante sua graduação, você cursou alguma disciplina ou vivenciou alguma experiência voltadas para Educação em Espaços não Formais de Ensino? Em caso positivo, conte um episódio dessa experiência.

6) Durante suas aulas em espaços não formais de ensino, você utiliza quais desses recursos ou estratégias metodológicas?

Sim música

Sim Paródia

Sim Dinâmicas

Sim Relatos de experiências

Sim Participação em grupo

Sim Rodas de conversa

() Não () outros. Qual?

7) Em que termos suas aulas em espaços não formais de ensino contribuem ou contribuíram para sua experiência profissional?

8) Em que termos suas metodologias utilizadas em espaços não formais de ensino contribuem para a aprendizagem e formação integral dos alunos?

9) Na sua opinião, os métodos de ensino que você utiliza em espaços não formais de ensino podem ser utilizados também na escola? Por quê?

10) Sua opinião é muito importante para esta pesquisa, então relate a importância socioeducativa do projeto PROSEAR como um espaço não formal de ensino.
